

## **CENAS DE GUERRA: O EXÉRCITO ROMANO E AS MOEDAS DO SÉCULO IV.**

CLÁUDIO UMPIERRE CARLAN\*

NEE / UNICAMP

O nosso trabalho tem por objetivo realizar um estudo, utilizando a numismática\*\* como fonte principal, sobre as manifestações políticas e ideológicas ocorridas no Império Romano durante o quarto século cristão, mais especificamente sobre a tentativa dos chamados “Imperadores Reformadores” de reorganizar o Império Romano nas esferas militares, políticas (interna e externa), sociais e econômicas.

### **I – O século IV e as Reformas Militares.**

Sucedendo a um longo período de crise e anarquia militar, tais imperadores procuraram realizar as mais variadas reformas administrativas. A energia dos governantes ilírios livrou o império da invasão e da revolução anárquica. O mais dotado para a administração, Diocleciano, estendeu e retomou essas medidas durante pelo menos uma dezena de anos, antes de sistematizar uma obra que foi, ainda, completada por Constantino. Os perigos externos, tanto dos povos “bárbaros” como dos persas sassânidas, era uma das principais preocupações dessa época. Mas não podemos esquecer que a função do exército, mais do que se defender de ataques externos ao Império consistia em reprimir a dissidência interna, pois era sua presença que garantia o poder romano no interior das fronteiras do Império (FUNARI: 2002, 93).

Na tentativa de restaurar as fronteiras, Diocleciano cria 12 dioceses, dirigida por um vigário, ligadas politicamente a quatro prefeitos pretorianos, encarregados da parte militar; e quatro governantes, responsáveis pela administração. Assim o imperador consegue facilitar o

sistema de defesa, reduzindo a gravidade da “guerra em duas frentes”. O efetivo do exército aumenta de 450 para 500 mil soldados e as legiões são compostas por 5 mil legionários (FERRIL, 1989: 36). Ocorre uma variação tática: são incorporados lanceiros de cavalaria, *lanciarri*; companheiros, *comitês*; infantes, *ioviani* e *herculiani*.

Segundo Zózimo, Constantino retira essas forças fronteiriças, ampliando o exército móvel para 10 mil elementos. Enfraquecendo a já debilitada posição (ZOSIME: 1971, 112) . Os tamanhos do exército móveis são desconhecidos, mas a estimativa é de 110 a 1 20 mil homens, sem incluir a África. Boa parte dessas tropas era composta por povos germânicos, chefiados pelos comandantes provinciais, os *duces*, subordinados ao general tarimbeiro, *comes*.<sup>i</sup>

Constantino também reduz o número das legiões para mil legionários, dissolve os pretorianos, mantêm a logística Diocleciana de taxação em espécie. São criados os guardas imperiais especiais, *scholae palatinae*.

As tropas romanas atravessaram o Reno e o Danúbio, ao longo de cujos cursos se reconstruía uma sólida defesa. Tanto que as melhores representações das numárias romanas sobre as fortificações são, respectivamente, as de Constantino, portas de Trêves (Trier) contidas nas moedas de um sólido, e a de seu filho e sucessor, Constâncio II (CARLAN, 2003: 22). Da época deste último, há dezessete peças no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, que reproduzem a imagem de uma fortaleza ou campo militar (Anexo 3). Essas fortalezas teriam de ser solidamente construídas mas não fortemente defendidas, para evitar a perda de efetivo.

Com a evolução da situação política, fica praticamente impossível para o exército romano manter a ofensiva. Para isso, os imperadores tratam de fortificar as cidades aumentando o número de soldados e reserva de defesa. Mudando a organização interna das legiões, nos períodos anteriores o aumento de efetivo ocorria apenas durante as campanhas.

Durante o século IV cada vez mais os mercenários bárbaros são incorporados ao exército romano (DEPEYROT, 1987: 44).

A Mesopotâmia é reconquistada e o Império Sassânida é obrigado a ceder territórios além-Tigre. No Oriente, Roma nunca avançara tão longe. Como exemplo, podemos citar os combates travados entre Constâncio II e Sapor II, nos quais o Imperador Romano obteve os mais variados resultados. Tais combates estão representados nas moedas existentes nos lotes de números 26 e 27 do Museu Histórico Nacional, onde aparece a figura de Constâncio, à esquerda de quem observa, de armadura, a cavalo, derrotando um inimigo, que aparece de joelhos, com os braços levantados, como se estivesse suplicando misericórdia. (Anexo 4). Apesar de a moeda estar um pouco deteriorada pelo tempo, nota-se, que a imagem central do imperador romano — que é o centro do poder — sempre aparece maior que a do persa. Através da análise desse pequeno objeto de bronze, cujo diâmetro é de 2,5mm, e o peso, de pouco mais de 4 gramas, podemos destacar também a crescente importância da cavalaria, representada aqui pela personificação de Constâncio.

A riqueza iconográfica dessa fase é muito bem representada nas medalhas e moedas romanas, ocorrendo uma exaltação à pessoa, na figura do monarca, da própria política real (NIETO SORIA: 1993, 17 - 18). Uma espécie de propaganda, de comunicação, de que todos os habitantes do vasto Império Romano tomariam conhecimento, através da visualização das peças, legitimando o poder temporal. Isto também explica as várias cidades, espalhadas por todo o território, onde tal cunhagem era feita .

A experiência vinha provando quão insuficiente era o antigo exército, bem como sua inadaptação às novas condições da guerra agora impostas pelos adversários. Assim sendo, o exército foi aumentado e, ao mesmo tempo, alterada a sua estrutura.

O ideal romano continua sendo o do Estado estabilizado, visando à proteção da totalidade do território. Depois das lutas vencidas pelo então César Juliano, restabelecendo as fronteiras ao longo do Reno e do Danúbio contra os alamanos, começa a ser realizada uma

obra sistemática e de suma importância, sobretudo no tempo de Valentiniano I. Sem voltar ao método dos entrançamentos contínuos, multiplicam-se, em relação com as estradas e os rios, as torres, os fortins, os castelos e os campos, seguindo uma técnica que o contato com os persas torna mais apurada: padrões orientais são transferidos para o Ocidente. Do mesmo modo, mantêm-se e aperfeiçoam-se as muralhas urbanas: perante os bárbaros, dotados de rudimentares técnicas bélicas de assédio, as cidades constituem redutos quase inexpugnáveis.

O próprio equipamento individual começa a sofrer mutações que, desde o final do século III, já mostram indícios dos aparatos dos futuros cavaleiros medievais (BROWN: 1972, 98). Os soldados, que desde o governo de Septímio Severo podem contrair matrimônio, recebem terras nas fronteiras para auxiliar em sua defesa. A ponto de o latim vulgar influenciar, até os dias atuais, algumas dessas regiões, como a Trácia (Romênia) por exemplo, isolada depois da grande leva de invasões. Princípio da hereditariedade na profissão paterna aplica-se de maneira rigorosa no exército.

Outra questão importante é a chamada “barbarização” do império. Os numerosos cativos e grupos étnicos que pedem asilo são instalados em território romano, a fim de repovoar e recultivar regiões em que a mão de obra é rara. Trata-se dos chamados letos ou gentios, que a administração deve manter sob vigilância, e cujos filhos são agora obrigados, como filhos de soldados, a entrar no exército. Outros gozam do regime de federados e fornecem contingentes organizados à sua maneira, comandados pelos seus chefes.

Os efetivos da cavalaria aumentam muito, porque a mobilidade torna-se a principal estratégia militar. Como na batalha de Andrinopla, em 378, ganha por uma carga de cavaleiros godos, a qual Ferril afirmou ter sido precursora das táticas medievais (FERRIL: 1989, 53).

Havia também o choque, egoísmo ou até mesmo rivalidade, entre os conselheiros, de seu “escritórios” burocráticos, e, às vezes, entre as populações. A ação militar, que pressupõe unidade de comando, estava cindida, retardada ou precipitada, por ignorância

ou mesquinha da parte de homens desejosos de triunfar sozinhos. Valente deu combate aos godos, seguindo o conselho do seu comandante-em-chefe, Sebastiano, diante de Andrinópolis, sem esperar a chegada do outro Augusto, que lhe levava reforços. Condenado pelas circunstâncias do sistema colegial, o Baixo Império sofria os seus inconvenientes.

Durante esse período, os imperadores empenham-se em anular o privilégio de sangue, ou seja, os antigos líderes senatoriais são afastados dos comandos das legiões; o que Constantino consegue durante o seu governo, separando as funções civis das militares. A principal conquista social do século III mantém-se no século IV, isto é, a atribuição dos postos e a própria promoção baseadas apenas no mérito. Essa mudança foi influenciada principalmente pela necessidade de ser mantida a ordem política, pois se temia que a ambição da classe senatorial incentivasse a tropa contra o governante. Isso leva Constâncio II a nomear apenas um único oficial para o comando da infantaria e da cavalaria, no Oriente, *o magister equitum et peditum per Orientum*.

Os imperadores continuam sendo aclamados pelas tropas e, no século IV, se não levam seus deveres militares a sério, seu poder é efêmero. Muitas vezes, como nos casos de Juliano e Valentiniano I, devem a proclamação às provas previamente dadas de seu valor militar e não se afastam do exército, participam das expedições e arriscam a vida, no caso de Juliano contra os persas, perdendo-a.

No ano de 350, quando Magnêncio é aclamado imperador, Constâncio leva um rei alamanco a atravessar o Reno, numa manobra para despistar as tropas do usurpador, que iria tentar a sorte na Panônia (atual Hungria ocidental) e na Itália. As dificuldades tendem a aumentar quando todo o nordeste da Gália é invadido. Constâncio é obrigado a associar seu primo Galo ao poder, na função de César. Alguns anos mais tarde, Galo seria acusado de traição, e condenado à morte, numa intriga palaciana realizada pelo eunuco Eusébio, que exercia grande influência sobre as decisões do imperador.

## II – Cunhagens Militares do Baixo Império.

Apesar do Museu Histórico Nacional / RJ constar com 1888 moedas do século IV, analisaremos apenas as cunhagens militares de Diocleciano (146 moedas), e de Constantino I (360 moedas).

### Tipos de Reverso

Os principais temas militares, e suas legendas, encontrados nas moedas de Diocleciano são:

Júpiter e Diocleciano de uniforme militar (CONCORDIA MILITVM) 40 peças, acrescentando mais 6 consideradas raras (Diocleciano aparece vestido como um cavaleiro medieval, lembrando o monumento a Tetrarquia na praça de São Marcos em Veneza); soldados (dois) de guarda a um lábaro (2 exemplares).

### Locais de Cunhagem e exergos principais.

ALE, XXIE (Alexandria), PLC, LP (Lyon), PTR, ATR, TR (Trèves ou Trier), \*SIS, SIS (Siscia), KS, KΓ (Císico), P\*, RP, P\*\*, RUP, XXIΔ, XXIB, XXIF (Roma), PT, ST, SUT (Ticinum), AQS, AQP (Aquiléia), A, K (Cartago), ANT, XXI (Antioquia), HB, HA, HK (Heracléia).

### Temas Militares de Constantino I.

### Militares com representações da Vitória

Dois soldados montando guarda a dois ou um lábaro, dependendo da variante (GLORIA EXERCITVS) 88 exemplres; Imagem feminina, com globo, vitória, cetro e elmo (GLORIA ROMANORVM) 2 moedas; Vitória com coroa e um navio (LIBERTAS PVBLICA) 2 moedas; Campo militar, semelhante as cunhagens de Constâncio II. Segundo Cohen, portões de Trêves. Segundo Gomes Marques trata-se dos portões de Londres (PROVIDENTIAE AVGG) 34 moedas; Fortaleza ou campo militar, Constantino com uniforme militar (VIRTVS AVGG ou AVGVSTI) 2 moeda; Votos VOT XX, acompanhado de dois prisioneiros (VIRTVS EXERCITVS) 10 exemplares; Vitória marchando com troféu e conduzindo um prisioneiro (SAR MATIA DE VICTA) 6 moedas; Duas Vitórias, com votos VOT PR e altar (VICTORIAE LAETAE PRINC PERP) 30 moedas; Vitória acompanhada de coroas e palmas (VICTORIA AVGG NN) 4 moedas;

#### Locais de Cunhagens e Exergos Principais

R\*Q, RP, RS, RA, R\*P, R\*S, RΩP, RΩS, RΘS, RΘP, RT, P\*R, PuR (Roma), PTR, STR, TRP, PTRE (Trêves ou Trier), SCON, PCONS, ARLS, P\*AR, S\*AR, PARLS, SARL (Arles), PLC, PLN, \*PLC (Lion), PuT, PT, ST (Ticinum), SMNΓ, SMNA, SMNE, SMNS (Nicomédia), AQT, AQP (Aquiléia), SMHA, SMHB, (Heracléia), TSAVI, .SΓHT, TSΓVI (Tessalônica), CONS, CONSM, CONST, CONSA (Constantinopla), SMANA, SMANS, SMANΓ, SMANE, SMANI, SMANB, SMANT, SMANTB, SMANN (Antioquia), SMKA, SMKS, SMKΔ, SMKE, SMKZ (Cízico), SAMALA, ALE, SMALB (Alexandria), SMTSΓ, TSA, SMTSE, SMTSB, TSA, TSM (Tessalônica), SIS, ASIS, ASSISu, BSISu, ESIS (Síscia), MOSTP, MOSTS (Óstia).

---

\* Doutorando / UNICAMP. Orientador: prof.dr. Pedro Paulo de Abreu Funari.

\*\* Todas as fontes numismáticas aqui citadas pertencem ao acervo do Museu Histórico Nacional / RJ.

<sup>i</sup> Ironicamente em inglês um Duque, *dux* no singular, supera a hierarquia de um conde, *comes*.

AMMIEN MARCELLIN. *Histoire*. 24. 3.éd. Paris: J. Fontaine, 1977.

BROWN, P. *O Fim do Mundo Clássico*. De Marco Aurélio a Maomé. Tradução de Antônio Gonçalves Mattoso. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

- 
- CARLAN, Cláudio Umpierre. As Fortificações e Constância II. In: Revista do Clube da Medalha. Ano XII. N. 24. Rio de Janeiro: Casa da Moeda do Brasil, 2003.
- DEPEYROT, G. Economie et Numismatique (284-491). Paris: Errance, 1987.
- FERRIL, Ather. A Queda do Império Romano. A explicação militar. Tradução de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.
- FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. Grécia e Roma. Vida pública e vida privada. Cultura, pensamento e mitologia. Amor e sexualidade. São Paulo: Contexto, 2002.
- NIETO SORIA, Jose Manuel. Ceremonias de La Realeza. Propaganda y Legitimacion en La Castilla Trastámara. Madrid: Editorial Nerea, 1993.
- ZÓSIME. Histoire Nouvelle. III. 18. éd. Paris: F. Paschoud, 1979.